



Universidade Federal de Santa Catarina



BOLETIM PRINT

REPI

Julho de 2020

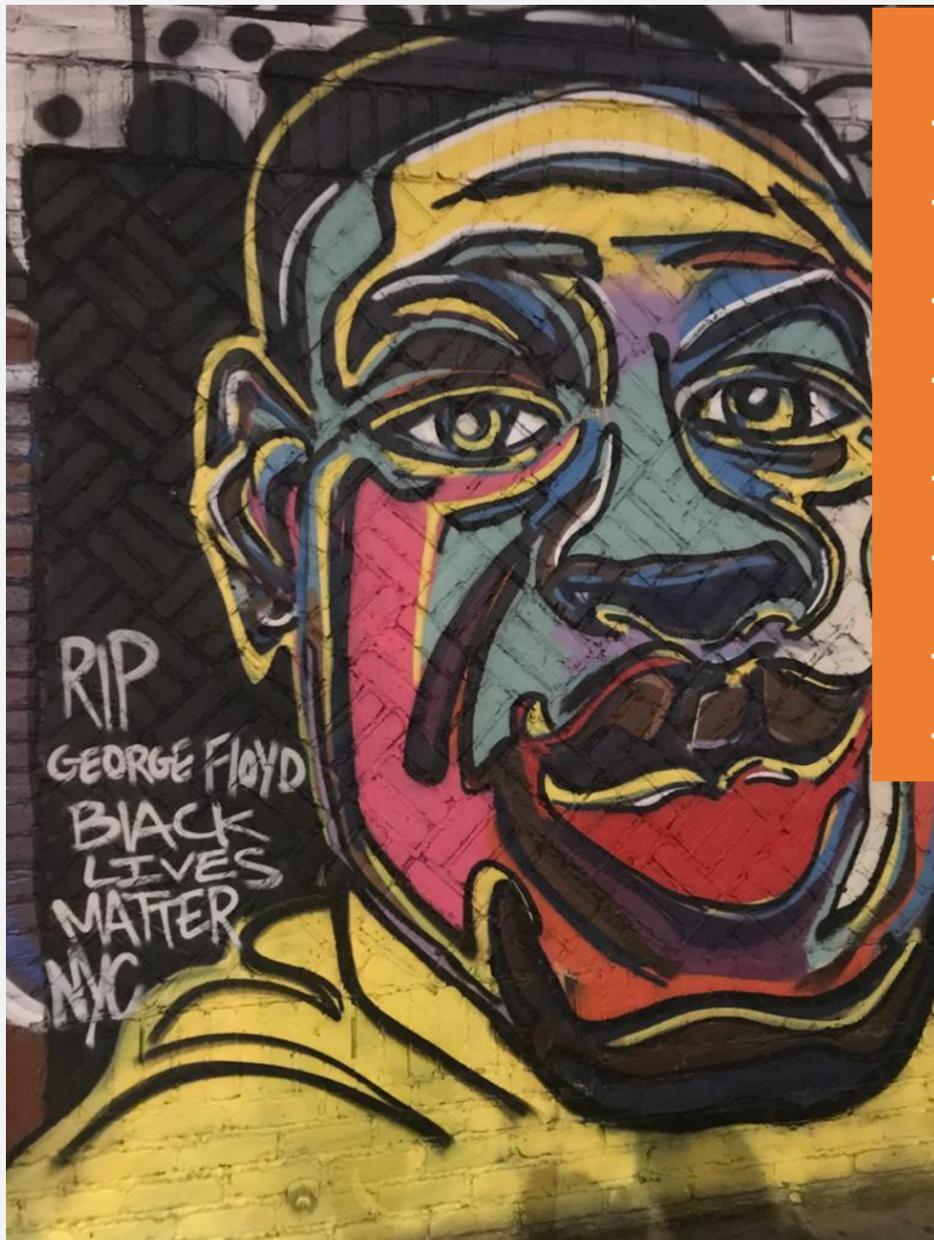


Figura 1 Foto de Soraya Conde.

Boletim Repositório de Práticas Interculturais

PPGECT/UFSC

Subprojeto

PRINT/CAPES/UFSC/PPGECT
Repositório de Práticas
Interculturais: Proposições para
pedagogias decoloniais.

Coordenação: Patricia M. Giraldi
Suzani Cassiani

Contato: print.ppgect@gmail.com

Prezada Comunidade, é com muita alegria que compartilhamos este boletim do projeto REPOSITÓRIO DE PRÁTICAS INTERCULTURAIS: Proposições para as Pedagogias Decoloniais. O projeto é ligado ao Programa de Internacionalização da UFSC, financiado pela CAPES e está em desenvolvimento desde março de 2019. É um projeto de mobilidade internacional de professores e estudantes, ligados a diversos países. Por ser multidisciplinar, o projeto, além do Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica, inclui as PGs em Interdisciplinar em Ciências Humanas, Linguística, Psicologia e Serviço Social.

O nosso Grupo de Pesquisa Discursos da Ciência e Tecnologia na Educação (Dicite), ligado ao PPGECT investigou o impacto de cooperações educacionais realizadas entre o Brasil e Timor-Leste e concluímos que muitas vezes, estas acabam produzindo um discurso eurocêntrico, verticalizado, em que o cotidiano e os saberes locais são silenciados. Com essas inspirações, ao propormos o REPI pretendemos: aprofundar parcerias entre professores/as de vários níveis (professores/as: formadores/as, em formação, da escola básica), a comunidade, a escola e a universidade; levantar temas locais que fomentem o desenvolvimento de intervenções pedagógicas e a produção de materiais didáticos, as quais visem o diálogo de saberes e a emancipação; organizar e publicar esses materiais, num repositório multilíngue aberto e virtual. Procurando encontrar caminhos de contraposição aos efeitos de colonialidade, pretendemos propor um diálogo de saberes, favorecendo a emancipação e a não criação de dependência ou subalternização e uma cultura de paz.

Assim, esse boletim busca trazer as experiências vividas pelos bolsistas do REPI. Em fevereiro, fomos ao Timor-Leste em missão de trabalho e também, por sorte, não enfrentamos a Pandemia naquelas terras da Ásia.

As outras bolsistas de doutorado sanduiche Aline e Clara contam essa experiência de morar fora nesses duros tempos de isolamento e ao mesmo tempo, como avançaram em seus projetos. As professoras Mariana e Soraya, bolsistas de pós-doutorado que estavam na Espanha e Estados Unidos, e o Prof. Daniel, na Universidade de Berkley, com bolsa capacitação relatam diversas experiências de aprendizado de todas as formas possíveis.

Esperamos que gostem dessa socialização.

retratos

Aline de Andrade Rodrigues

Estive em doutoramento sanduíche na cidade de Valência/Espanha desde final de dezembro de 2019. O retorno previsto para 8 de julho, que aconteceria depois que se completasse os 6 (seis) meses de doutoramento, foi antecipado em um mês em virtude dos acontecimentos sanitários provocada pelo Covid-19. Meu retorno ao Brasil (e também de minhas filhas que me acompanharam nesse período) aconteceu em um voo de repatriação organizado pelo governo brasileiro junto com o Consulado Geral do Brasil na Espanha. Embora a situação já estivesse mais controlada na Espanha e já houvesse uma desescalada do confinamento, as restrições em virtude da preocupação governamental com o efeito rebote impactavam e ainda impactam sobre a circulação de pessoas, em especial e mais rigidamente àquelas externas ao Espaço Schengen – como é o caso do Brasil – restringindo radicalmente o espaço aéreo.

Meu vínculo como doutoranda se realiza no Programa de Pós-Graduação de Serviço Social da UFSC, e se viabiliza com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC) - apoio este que foi suspenso durante o período de doutoramento sanduíche.

“Quando o momento do confinamento na “aparência” pode parecer favorável aos estudos, na “essência” exige reflexões profundas sobre as condições dos diferentes sujeitos e das diferentes formas de viver cada adversidade”

O plano de estudos que orientou as atividades para esse período foi intitulado *As concepções epistemológicas do ensino da prática do Serviço Social: uma abordagem sobre os fundamentos teórico-metodológicos do Serviço Social espanhol* e foi elaborado no marco do Programa Institucional de Internacionalização Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica – PRINT/PPGECT, no edital que tinha como tema: Linguagens, Interculturalidade e Identidades e o Título do SubProjeto: Repositório de Práticas Interculturais.



Figura 2 Em visita a Corts Valencianes, poder legislativo da Comunidade Autônoma de Valência.

O plano de estudos propôs uma articulação entre os estudos em andamento no contexto da Pesquisa: *As condições de trabalho dos assistentes sociais: uma análise a partir da realidade dos estágios nos espaços sócio-ocupacionais*. Esta pesquisa está em desenvolvimento no estado de Santa Catarina e é desenvolvida a partir de vários eixos de investigação como da formação profissional, das condições de trabalho dos assistentes sociais, do exercício profissional, da organização do estágio em Serviço Social, da dinâmica do ensino superior no estado, etc.

No contexto de uma nova dinâmica imposta pela pandemia, é honesto afirmar que o trabalho não foi realizado completamente. O plano de estudos do doutoramento sanduíche que previa entrevistas em diversas cidades in loco, por exemplo, teve de sofrer adaptações e parcialmente foi possível realizá-las via vídeo chamada desafiando os recursos domésticos nem sempre os mais favoráveis para a realização dos estudos acadêmicos.

A nova rotina tocou à mãe doutoranda em quase cinquenta dias de confinamento, e a presença integral das filhas em homeschooling impôs uma nova dinâmica quando antes estavam integralmente na escola pública espanhola. Vale destacar que a Espanha foi um dos países mais afetados pela pandemia mundial e teve um dos confinamentos mais rígidos.

Quando o momento do confinamento na “aparência” pode parecer favorável aos estudos, na “essência” exige reflexões profundas sobre as condições dos diferentes sujeitos e das diferentes formas de viver cada adversidade. Há um conflito evidente e vivenciado em um contexto de disparidades em relação as condições de gênero. Por ora ainda estamos todos em um esforço sem medidas para nos encontrarmos, ou ainda para atender as exigências que nem sempre podem ser acolhidas em um contexto totalmente adverso como este. Na condição de mãe plural, as adversidades na pandemia se tornaram maiúsculas para o desenvolvimento do trabalho acadêmico. Ainda assim, foi possível e muito rica a realização dos contatos realizados e dos caminhos abertos, os estudos acumulados e a convivência até o momento possível. Diante disto, a previsão de retorno para o fechamento dos estudos é uma projeção.



Figura 3 Da esquerda para a direita: eu, Mariana (professora visitante pela UFSC), Carles (funcionário da Corts Valencianes, Francesc (meu orientador) e Yubitza (mestrandista do Chile). Em visita ao prédio legislativo da Comunidade Valenciana.

Em se tratando de vivenciar essa pandemia em uma das regiões que mais sofreu com sua presença, foi também importante presenciar o enfrentamento governamental na área da saúde, na proteção social, na proteção ao trabalho, ainda que não passasse ileso as consequências econômicas e sociais que esse momento trouxe à humanidade, em especial porque o momento político espanhol apresenta particularidades da sua história em um grande governo de coalisão mais à esquerda.

A experiência de acolhida pelo orientador na Universidade de Valência e de todos os demais professores com quem dialoguei revelam a boa acolhida com que fomos recebidos. A experiência das trocas, seja no âmbito cultural ou acadêmico parece imprescindível para a construção do conhecimento e para a potencialização das perspectivas partilhadas.

Intercâmbio em tempos de pandemia.

Clara Martins do Nascimento

Doutorado sanduíche na Universidade de Cádiz-Espanha.

Me proponho, neste texto, a exercitar a 'objetividade', já pontuando-a como um dos aprendizados do intercâmbio. Nesta terra gitana, desde o *Manolo* da *frutería* até o *José*, meu professor de espanhol, pareciam não dispor de muito tempo para as minhas nordestinidades: o jeitinho de dizer sem dizer, de aceitar negando, de afirmar perguntando e discordar concordando... Acho que aprendi com eles a 'ir direto ao ponto', 'Ter a lista pronta'.

Sendo intitulado 'intercâmbio em tempos de pandemia' me daria um conto. Contudo, no espaço do boletim, complementado por outras histórias como a minha, me resta sintetizar. O esforço da síntese, devo, especialmente, ao **Prof. Víctor Marí**, meu orientador espanhol, cuja parceria tem me oportunizado uma aproximação, atenciosa e responsável, ao *modus operandi* da pesquisa na Espanha (trabalhamos, atualmente, na elaboração de um artigo tratando da influência de Bolonha na área comunicacional).

A ver...

Começaria por quem me permitiu começar. Porque a chegada no exterior, o suposto 'começo' soa como, no mínimo, meio, quando se pensa na burocracia dos editais, seleções, reuniões, critérios e decisões pessoais...

Se não fosse o apoio e estímulo das **amigas e professores da UFSC**; se não fosse **Ivete**, minha orientadora, maturando comigo o projeto do intercâmbio; **Suzani, Patrícia**, e os **técnicos-administrativos** viabilizando os 'fins', não existiria começo pra mim.

(Há quem reivindique a meritocracia. Da minha parte, me estreito com os que se perguntam sobre os antecedentes do mérito. Contudo, a obrigatoriedade da comprovação do certificado de língua estrangeira, que exclui companheiros(as) da oportunidade do intercâmbio, não se ocupa deste debate. Importante ressaltar que suporte financeiro para a formação intelectual e cultural não são pressupostos para os que vêm da minha classe, cor e gênero (a minha mãe, por exemplo, foi imigrante para que eu tivesse algumas oportunidades).

Mulher, negra e periférica na Espanha...Rememorando os 15 dias após a chegada em Cádiz-ES, passados num hostel na *Calle Hospital de las Mujeres* (quando tudo era horizonte e novidade) embalados por uma busca exaustiva para alugar um *piso* em Cádiz, até ser convencida de que eu não reunia as condições para lograr, e a alternativa seria dividir. Hoje eu sei, que o argumento de que eu não tinha *solvencia* na Espanha, serviu para justificar muita coisa.

No seu ritmo, a vida me levou, para um apartamento pequeno, mas aconchegante, perto do mar, na Bahía Blanca, compartilhado com um espanhol, José, uma americana, Gabi, e uma cachorrinha, Chica... Um laboratório de convivência na quarentena.

E, colheitas!



Um curso de espanhol C1 concluído. 2 semanas de aulas presenciais, convivendo com estudantes Erasmus da Itália, Alemanha, Rússia... interrompidas pela pandemia e concluídas, virtualmente, '*gracias ao Campus Virtual da Universidade de Cádiz*' (tal como repetimos durante quase 2 meses de classes virtuais para aliviar a tensão causada pelos problemas de conexão, o distanciamento dos colegas, a dificuldade de concentração, o trabalho aumentando do professor para dar conta de explicar sem ver os rostos).

Nesse mesmo *Campus*, cuja cara é a mesma do meu quarto, branco e silencioso, com vistas para os varaus coloridos e variações de céu, atualmente, participo de dois cursos ofertados pelo Programa de comunicação da UCA: *Búsqueda, Gestión y Comunicación de la Información Científica* e *Iniciación a los Estudios de Doctorado*.

Assim, estou *online* nas mais recentes transformações operadas na Universidade. Problematizando, diariamente, o processo de virtualização da formação acelerado pela *corona* do Covid-19. Esta reflexão justifica, inclusive, minha estadia aqui (onde o processo de 'modernização' da Universidade é fortemente impulsionado pela Reforma de Bolonha de 1999) e explica as investigações doutorais, as horas diárias de estudo investidas no desenvolvimento do doutorado sanduíche.

Por fim, me somo as(aos) companheiras(os) do Print-CAPES na condição de estrangeira numa pandemia, tentando situar a experiência de estar no exterior numa crise mundial no seu devido lugar, pois, verdadeiramente, estamos falando, de um saldo gigantesco de mortos, desempregados, e desesperados. Mas, talvez, humildemente, aceitando o desafio de tentar não apequenar o impacto dessa vivência nos destinos e trajetórias, dos estudantes, que, assim como eu, enfrentou o esforço de lidar, tão longe de casa, com as suas próprias vulnerabilidades.

Na 'abertura espanhola', escrevo e olho o mar. ¡Sim!, em Cádiz, já se pode, inclusive, entrar no mar. Eu desfruto dessa 'falsa normalidade' ensaiando retomar o fôlego para os 6 meses vindouros. Administro a 'culpa', o 'medo', a 'saudades', a 'compaixão' que me aperta o peito pelo meu Brasil morno de incertezas.... E aceito que, do lado de cá, se aproxima o Verão.

We need to breathe!

Soraya Conde

Estágio Pós-Doutorado Junior no Graduate Center da City University of New York



Figura 4 Soraya Conde

Meu estágio como professora visitante na City University of New York teve início em 3 de março de 2020 no Graduate Center (GC) localizado no coração da cidade de Nova Iorque. A CUNY é uma das poucas universidades públicas nos EUA e a maior parte dos estudantes (70%) é formada por negros e latinos oriundos de escolas públicas e de famílias de baixa renda.

Durante a primeira semana tive a oportunidade de me reunir com o professor Eduardo Vianna e participar de um Seminário Especial para professores ministrado pela historiadora Elena Frangakis-Syrett sobre o papel das colônias ocidentais e orientais no enriquecimento da burguesia europeia e acumulação primitiva do sistema capitalista. Além disso, consegui realizar uma reunião na *Human Rights Watch* – com a pesquisadora Margareth Wurth que me concedeu cinco relatórios sobre o meu tema de pesquisa nos Estados Unidos e combinamos de realizar uma visita em pequenas propriedades fumicultoras norte americanas entre julho e setembro. Conversamos sobre a recente flexibilização da legislação trabalhista no Brasil, modelo importado de países como os EUA, que aparece como avançado, mas na essência penaliza as frações mais empobrecidas da população. Além disso, esse tipo de importação revela a persistência de um modelo (neo)colonialista onde os Estados Unidos exportam seus padrões que, a priori, contribuem para que países como o Brasil continuem dependentes, fornecedores internacionais de matéria prima e *commodities*, importadores de ciência e tecnologia.

Uma semana após minha chegada, a cidade de Nova Iorque entrou em *lockdown* devido a COVID-19 com fechamento das universidades, espaços públicos e comércio. A CUNY fechou as portas e passei dias angustiada pensando se deveria voltar ao Brasil e adiar meu estágio de pós doutorado e de professora visitante ou permanecer aqui com todos os riscos. Após avaliar a situação do Brasil e os riscos de contaminação em aeroportos, tomei a decisão de permanecer. A



professora Anna Stetsenko (minha supervisora de estágio aqui) e o professor Vianna, enviaram-me inúmeras bibliografias sobre a temática que pesquiso para estudo. Além disso, comecei a participar do coletivo BRADO (*Brazilians Resistance Against Democracy Overthrow*) com a organização de lives e ações coletivas (nesse momento online) sobre os problemas que afetam o Brasil, os Estados Unidos e os imigrantes. Participei de uma campanha de solidariedade aos Brasileiros atingidos pela crise da COVID-19 e feito reuniões semanais de estudos com o *Peer*

Além disso, percebemos pelo número de mortos e contaminados a desigualdade social presente no país considerado o mais rico do mundo. O epicentro da pandemia não é atingido de forma igual. Os principais contaminados e mortos são negros/as e latinos/as (muitos indocumentados), subempregados, residentes de moradias compartilhadas com outras famílias, impossibilitados de viver a quarentena pela necessidade de trabalhar e não morrer de fome.

Enquanto muitas empresas americanas, que trabalham com inteligência artificial e tecnologias virtuais (indústria 4.0), vêm suas ações subirem no mercado de ações, a população pobre da cidade vive cenas dantescas simbolizadas nas milhares de covas abertas e nos caminhões frigoríficos destinados a conservação de corpos na porta de hospitais. A crise, acentuada pelas desigualdades sociais, contribui para uma limpeza étnica e social e para o branqueamento de Nova Iorque.

Como se não bastasse essa situação, ainda nos últimos dias do *lockdown*, as cenas do assassinato de George Floyd chocam o mundo todo. A comunidade negra e latina em Nova Iorque e no mundo, cansada da cultura que naturaliza a morte daqueles que verdadeiramente trabalham construindo a “América”, rebela-se em milhares de protestos que invadem as ruas. As últimas frases de Floyd “I can’t breathe” ecoam com uma unidade internacional entre latinos e negros que gritam “we can’t breathe”!



Sáímos da crise do novo corona vírus, entramos no *curfew* (toque de recolher). Cenas de guerra

ocupam Nova Iorque e os Estados Unidos. Manifestações contra a violência policial, bombas e incêndios por toda cidade aparecem como uma resposta popular ao extermínio e a violência policial naturalizada contra negros pobres e trabalhadores. Assim, fica evidente a falência do modelo americano que condena negros, pobres e migrantes à própria sorte. Um país que investe mais em armamento e policiamento do que em saúde, educação e política social não poderia estar diferente. Aos poucos, a pauta do radical movimento Black Lives Matter, ao contrário das lideranças políticas negras que, nas palavras Keeanga-Yamahtta Taylor, encontram-se subsumidas pelo sistema político e financeiro corrupto dos EUA, amplia-se, radicaliza-se e transforma uma pauta específica em ponto de unidade e solidariedade com outros movimentos sociais. O fim da polícia de imigrantes e o corte do financiamento policial são bandeiras unificadas no lema “no justice, no peace! Refund police!” que, por sua vez, ataca o cerne da economia norte americana.

Activict Learning Community (PALC), que sob a coordenação do professor Vianna e da professora Stetsenko, estuda temas atuais sob as bases teóricas da teoria histórico cultural, marxismo, racismo, pedagogia freiriana.



Figura 5 Encontro festivo do PALC em 11/06/2020.
Créditos da imagem: Lucas Rosário

Viver a experiência da crise da COVID-19 na cidade de Nova Iorque, considerada o epicentro da Pandemia, foi uma experiência única em minha vida. Pude perceber as contradições entre a promulgada liberdade individual e de mercado, simbolizadas na estátua da liberdade localizada ao sul da cidade e os limites reais colocados em nossa vida quando o Estado é obrigado a interferir na economia, quando a ausência de um sistema público de saúde pode gerar uma catástrofe e o governo é obrigado a garantir atendimento e retomar a importância do papel do Estado entre os que defenderam, durante anos, seu fim. Com comércios fechados, grandes empresas e estabelecimentos falindo somos obrigados a reconhecer o caráter interconectado e compartilhado da vida. Somos todos partes (ainda que diferentes) de uma mesma sociedade. Respiramos o mesmo ar e o planeta Terra é um local compartilhado entre os seres vivos. O que acontece com um ser vivo atinge a todos. Cuidar de todos é cuidar de si e cuidar de si é cuidar de todos!

Sabemos que o vírus não escolhe classe, raça ou gênero, mas ele atinge de forma diferente diferentes classes sociais. Pois, nem todos possuem o “privilegio” do isolamento social em grandes casas bem estruturadas e nem acesso aos recursos de ajuda financeira. A crise gerada da COVID-19 escancara que a necessidade de retorno imediato ao trabalho é uma necessidade da produção do lucro em nossa sociedade e que essa necessidade nega nosso direito à vida.

A indústria bélica e armamentista, presente tanto nas guerras quanto no financiamento público milionário destinado à estrutura policial norte-americana, é radicalmente questionada e transforma-se no alvo das manifestações. Esse fato, impacta a opinião pública e se internacionaliza para que o financiamento da polícia seja realocado para a educação, a saúde, as políticas sociais e o desenvolvimento de comunidades pobres, negras e de trabalhadores.

Incêndios, furtos, protestos e tombamento de símbolos capitalistas e escravocratas nas ruas são expressão da violência social naturalizada pela cultura norte-americana. O assassinato de Floyd, assim como de tantos outros/as, não se passou num gueto, escondido numa situação impetuosa entre duas pessoas que rivalizavam. Era um negro no chão, um assassino de joelhos e três policiais que assistem e protegem a cena como se ela fosse parte cotidiana da normalidade. Como se diz no Brasil, mais do que nunca, é preciso mostrar como se bota fogo no engenho, pois se a cultura é criação humana, já passou da hora de transformá-la! É tempo de mudança para que todos possam respirar!

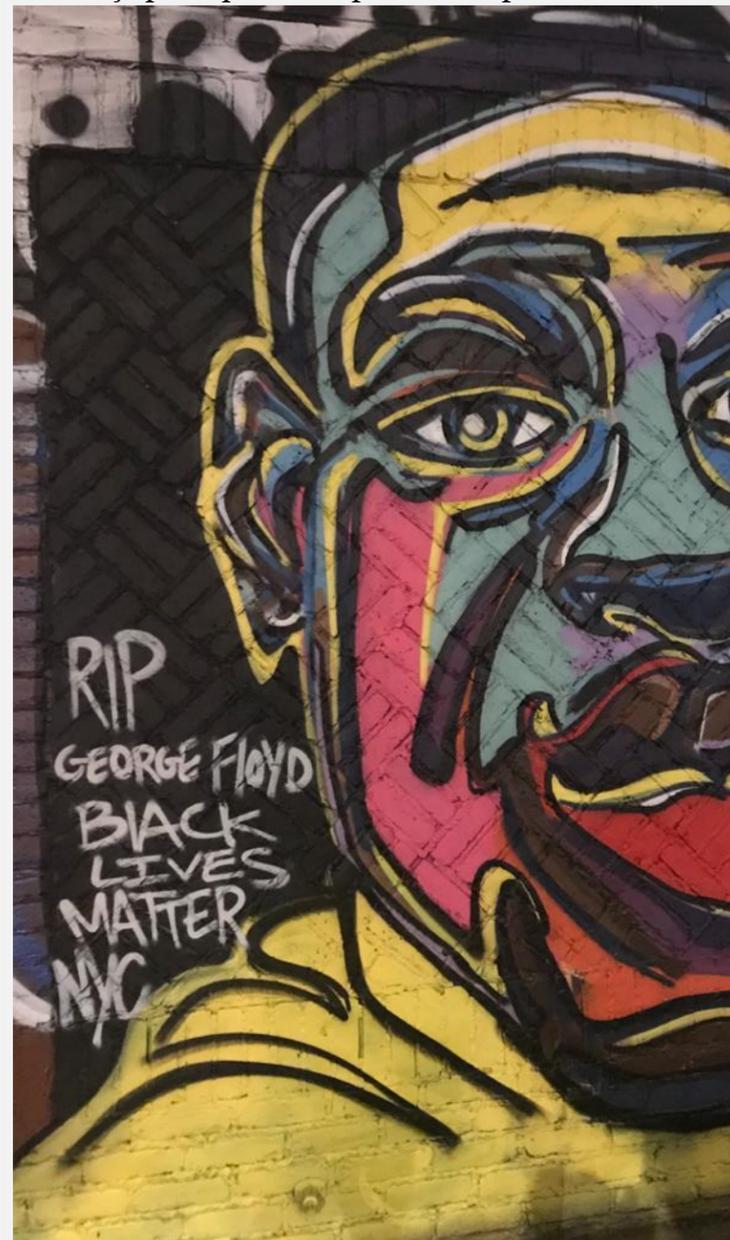


Figura 6 Grafite pelas ruas de Mahattan.

Mahattan , 07 de junho de 2020.



Figura 7 da esquerda para a direita: Aline (bolsista doutorado sanduíche PRINT/CAPES), prof. Francesc e eu em uma caminhada para apresentação do campus.

MEU PRIMEIRO FIM DO MUNDO.

Mariana Brasil Ramos
Estágio Pós-Doutorado Junior na Universidade de Valência

Escrevo este relato num momento de abertura relativa, depois de passar 60 dias de confinamento total na cidade de Valência, na Espanha. Estou aqui para realizar a segunda parte do meu estágio pós-doutoral no [Instituto de Criatividade e Inovações Educativas](#) da [Universidade de Valência](#) (UV), articulada pelo prof. [Francesc Hernandez](#), parceiro do [PRINT/UFSC/PPGECT](#). A ideia era dar prosseguimento aos estudos iniciados no segundo semestre de 2019, com o objetivo de analisar contribuições de uma diversidade de Pensamentos Feministas para a Formação de Professoras de Biologia.

Assim como todo mundo, fui pega de surpresa pela pandemia do coronavírus, mas numa condição extremamente privilegiada, de bolsista da CAPES. Os dias não foram fáceis, apesar de: eu ter um apartamento para morar, comida para comer, água quente para me banhar, um notebook e internet para me reunir com colegas que estejam em qualquer lugar, ler livros e artigos. Impossível não pensar nas pessoas que não tem nada disso. Impossível também não se questionar sobre muitas certezas anteriores, rever prioridades e, neste sentido, se indagar do porquê mesmo dos meus estudos, das minhas pesquisas, dos conhecimentos que delas possam derivar.

Entre a minha chegada (em 18/01/2020) e o confinamento total, se passaram oito semanas, durante as quais frequentei quinzenalmente: o grupo de estudos Críticos do Discurso e o Seminário Contínuo de Teoria Crítica, ambos coordenados pelo meu supervisor, prof. [Benno Herzog](#). Participei de dois encontros de cada um deles, discutindo alguns dos trabalhos desenvolvidos pelo [Grupo de Investigação em Teoria Crítica](#), do Centro de Ciências Sociais. Apesar do foco do grupo, havia estudantes e professores de pós-graduação estudando Decolonialidade e Teoria Feminista (como a Rebeca, que está comigo na foto 2, abaixo), além de outras temáticas afins ao meu trabalho. Participei de palestras e mesas redondas durante a [semana do Dia Internacional das Mulheres e Meninas na Ciência](#) (de 10 a 15 de fevereiro de 2020), conhecendo as iniciativas da UV e de outras universidades de estímulo à participação das mulheres nas áreas STEM (Ciências da Natureza, Tecnologias, Engenharias e Matemática). Pude enfim, participar da manifestação de 8 março, numa marcha incrível pela cidade (foto 2) que marcou a última semana de uma liberdade que eu não percebia.

Desta semana para a outra, a COVID19, que parecia tão longe, já estava aqui, com força total: no fim de semana de 14 de março de 2020 foi decretado o lockdown do país. No domingo, caminhei até a estação de trem, para comprar uma passagem para uma amiga que precisava voltar ao Brasil e vi a cidade, que antes, fervilhava de gente, completamente vazia. Entendi então, a seriedade da situação... após esse primeiro susto, uma ida ao supermercado me apavorou um pouco mais: prateleiras vazias. Comprei o que foi possível e me recolhi ao apartamento. Na sexta-feira, fui até a Biblioteca de Educação Maria Moliner (foto 3), para devolver e pegar novos livros. Me deparei com um segurança da UV na porta, dizendo que, por ordem do reitor, ninguém mais poderia entrar nas bibliotecas a partir das 16h. Eram 16:07h...



Figura 8 eu e a colega Rebeca, do grupo de estudos, na manifestação de 08 de março de 2020, no centro de Valência.

deixou mais segura.

Nesse primeiro mês, muita ansiedade, muito medo de ficar doente, num país estrangeiro, relativamente só. Meu supervisor, Benno, comunicou a suspensão das atividades que vínhamos desenvolvendo, pois teria que finalizar o semestre letivo via ensino remoto - mesmo não tendo muita experiência com essa modalidade e com pouco suporte técnico para isto. E esta foi a situação de muitos dos colegas da UV, o que inviabilizou os contatos que eu vinha estabelecendo por aqui. Tanto Benno, quanto o prof. Francesc se comunicavam ao menos uma vez por semana comigo, para ver como eu estava, se precisava de algo, colocando-se à disposição para qualquer necessidade - o que me



Figura 9 uma das tantas reuniões virtuais do DICITE.

A interlocução com os grupos me fortaleceu teórica e psicologicamente para continuar estudando e buscando dar continuidade às investigações por aqui.

Neste momento, além das mencionadas, mantenho reuniões com minhas orientandas do Brasil e busco sistematizar, na forma de dois artigos, em parceria com outros autores, alguns dos conhecimentos que pude estudar no período. Um deles discute conceito de Epistemologia, localizado historicamente em relação à Teoria do Conhecimento e à Filosofia da Ciência, e a importância de retomarmos as contribuições das Epistemologias Feministas para a Educação em Ciências da Natureza. O outro, problematiza as relações entre Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) a partir das situações decorrentes da pandemia de CoViD19 e aponta a necessidade de discutirmos a Sociedade a partir das hierarquias de raça e gênero nas propostas de Educação Científica e Tecnológica.

Os impactos da pandemia neste período de pós-doc são inúmeros: em muitos momentos, o pânico e ansiedade me impossibilitaram de ler, de escrever... ao mesmo tempo cortaram as possibilidades de novos contatos com pesquisadoras daqui, de forma a estabelecer uma rede mais ampla na UV. O caos político brasileiro visto de longe me fez refletir sobre o meu papel como professora e pesquisadora e sobre como estou afastada de movimentos sociais que, atualmente, são protagonistas na organização da sociedade diante dessa situação desoladora. Nesse sentido, tenho questionado muito sobre as minhas referências civilizatórias, epistemológicas e de ação social e buscado pensar um retorno às atividades na UFSC com foco nas ações de extensão, junto a movimentos sociais.

Hoje é dia 03 de junho e acabo de receber da CAPES minha passagem de retorno ao Brasil, marcada para o dia 21. Um momento de muitas coisas a serem pensadas e planejadas, de últimas caminhadas pelas cidade, de últimos encontros em Valência e, com Valência, cidade que foi exemplo no combate à Covid na Espanha, em termos de saúde coletiva humanitária que agora, se reabre ao mundo...

¹ Uma descrição do grupo e metodologia de trabalho podem ser encontradas em: Educação em Ciências e em Biologia: as trajetórias dos grupos NUG e Casulo” do livro “[PPGECT: contribuições para pesquisa e ensino](#)”.

Ao mesmo tempo, no Brasil, a UFSC não iniciou o semestre letivo, optando pela suspensão do mesmo por tempo indeterminado. Os grupos de estudos e pesquisa do PPGECT começaram a organizar reuniões virtuais semanalmente. Esses encontros me reanimaram: às 4as-feiras, passei a frequentar o Bússola¹ - grupo de orientação coletiva vinculado ao PPGECT; às 6as-feiras, voltei a participar do [DiCITE](#) - grupo de pesquisa ao qual sou vinculada (foto 4, acima); às 2as, quinzenalmente, voltei às discussões sobre Sexo Biológico e Gênero do grupo de GESEX, iniciado por estudantes de Ciências Biológicas no ano passado.



Figura 10 eu e Aline na última caminhada pela cidade antes de ela ir embora, no dia 30 de maio.

Fui contemplado com uma bolsa do PRINT/PPGECT/UFSC para realizar um estágio na University of San Francisco. O período do estágio foi de 20 de fevereiro a 20 de abril de 2020.

Como sabemos, a pandemia do novo coronavírus tem afetado todo mundo de forma amplamente negativa. Em minha quarta semana de estágio, a região de San Francisco decretou *lockdown*, com sérias medidas de isolamento e distanciamento físico entre as pessoas. As aulas da universidade foram movidas para plataformas digitais; alguns de meus planos foram frustrados, como visitas técnicas a organizações de direitos humanos na região de San Francisco e uma interação mais próxima com pesquisadores que vivem na região.

Inicialmente, receber a notícia sobre o “shelter in place”, ou “abrigue-se em casa”, decretado pelo governo da Califórnia foi bastante chocante. Essa expressão é utilizada oficialmente apenas em situações de grave emergência. Ela remonta à bomba atômica, que, por sinal, foi parcialmente desenvolvida em laboratórios próximos de onde eu estava morando.

Passei por vários dias de angústia e incerteza. Desde muito cedo, aprendi que esses sentimentos são minimizados quando temos com quem dividi-los, quando encontramos interlocutores para escutar nossos medos.

No entanto, o distanciamento social afetou até essa possibilidade mais básica de interação social. Felizmente, as mídias digitais – que, para o bem e para o mal, nos acompanham diariamente – foram fundamentais para que meus laços com os colegas e pesquisadores da região fossem mantidos. Tive também a grande sorte de alugar uma edícula em uma área comum à residência de meu supervisor no estágio, o professor Marco Jacquemet. Então cultivei uma comunidade de esperança com ele, a esposa, Dawn Cunningham, e os vizinhos, Chris e David. Alguns dias, fizemos happy hours com “distanciamento físico”.

Consegui retornar ao Brasil ao fim do estágio, em 20 de abril, a praticamente um mês do fechamento das fronteiras entre EUA e Brasil. As atividades do PRINT para mim continuam ativas. Lá na Califórnia, nas caminhadas com “distanciamento social” que eu fazia para poder me exercitar, gerei dados para um estudo sobre paisagens linguísticas.

Minha pergunta tem sido: como as pessoas fazem para estar juntas quando não podem se aproximar fisicamente? Como se imagina uma “comunidade” nessas condições? As paisagens dos muros, portas e até da lataria dos carros comunicava muito. Eu estava morando numa região bastante progressista, antirracista e sustentável, então a mensagem da esperança era muito ostensiva – num país que, como o Brasil, é conduzido por um líder populista reacionário e é marcado por cisões raciais como as que temos experimentado. Então coloco abaixo algumas fotos. Minha pretensão é de trabalhar com essas imagens para um artigo a ser submetido ao periódico “Linguistic Landscapes”. E ainda quanto aos efeitos presentes do PRINT, estou preparando vídeos sobre como publicar nesses *journals* do “norte global” – não para se render à lógica desigual do produtivismo mas para “ocupar” de um modo diferente, como sempre falou Marielle Franco.

Esperança durante a pandemia

Daniel do Nascimento e Silva
Professor de Linguística – PPGL/UFSC
Estágio na University of San Francisco pelo
PRINT/PPGECT – 20/2 a 20/4/2020



Figura 11 “Região da Baía (de San Francisco) unida contra o ódio” – fachada de casa em Albany, CA.



Figura 12 Cartaz em que vizinhos oferecem ajuda com logística para compras ou outras tarefas – Berkele.



Figura 14 Bandeira do arco-íris com a inscrição “Bem-vindos, refugiados”.



Figura 15 “Nesta casa, nós acreditamos: Vidas negras importam, direitos das mulheres são direitos humanos, nenhum humano é ilegal, ciência é real, amor é amor, gentileza é tudo”.

MISSÃO DE TRABALHO AO TIMOR-LESTE: um pulo na Ásia e a chegada do Coronavírus.

Irlan von Linsingen
Patricia M Giraldi
Suzani Cassiani

**Professores do
Programa de Pós
Graduação em
Educação
Científica e
Tecnológica**

Atualmente, Timor-Leste é um dos países em que o Coronavírus está praticamente inexistente, tendo tido baixo número de contaminados e mortos por covid-19. Temos muito a aprender com esse país! Nos aeroportos, tanto na ida quanto na volta, muitos já usavam máscaras e ficamos preocupados, apesar dessa ameaça invisível, nossa missão foi um sucesso. Tivemos várias reuniões com autoridades para entender as necessidades locais e fizemos várias prospecções; ministramos uma disciplina na Universidade Nacional de Timor Lorosae e três cursos, sendo eles em duas universidades diferentes e numa escola básica; proferimos palestras num Colóquio Internacional; encontramos antigos estudantes da UFSC, que ocupam importantes funções no serviço público e na educação.

Em virtude de nossa atuação como coordenadores, junto ao Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa² (PQLP) da CAPES, de 2009 a 2016, entre outros projetos, muitos laços foram criados e mantidos, entre nossos povos.

Em nosso planejamento havíamos previsto um curso na Universidade Nacional de Timor



Figura 17 Encontros com o Prof. Dr. Gaspar Varella, coordenador do Grupo de Estudos em Educação Científica e Tecnológica (GEECITE) e seus integrantes.

Lorosae, junto com o Prof. Dr. Gaspar Varella, coordenador do Grupo de Estudos em Educação Científica e Tecnológica (GEECITE)³ da Faculdade de Educação e com estudantes das licenciaturas do GEECITE na UNTL. Foi nítida a autonomia do grupo que vem sendo construída ao longo desses anos. Nosso primeiro encontro, portanto, foi para planejamento e organização do curso sugerido e conversas sobre os projetos dos estudantes.



Figura 16 Chegada ao aeroporto de Dili, capital de Timor-Leste aa Profas. Patrícia Giraldi e Suzani Cassiani. Foto tirada pelo Prof Irlan von Linsingen.

O curso intitulado “Curso Internacional de Formação de Professores na Perspectiva da Educação em Decolonial”, foi ministrado de 09/01/2020 a 15/02/2020, o qual contou com a maravilhosa participação de mais de 60 professores e estudantes da UNTL e de escolas de educação básica. A participação do Prof. Dr. Gaspar Varella da UNTL foi fundamental para a boa frequência e participação dos envolvidos. O perfil do grupo era bastante heterogêneo: estudantes de biologia, física, química, matemática, língua portuguesa, tétum, pedagogia e também os professores destes cursos. Nosso foco privilegiou a discussão sobre abordagens de temas locais, como forma de transgressão e emancipação, ausentes no atual currículo do ensino básico e secundário. Foram gravados alguns vídeos e o resultado dos projetos desenvolvidos durante o curso vai para o nosso Subprojeto.

² Para maiores detalhes acessar o site que preserva a memória do PQLP: <http://pqlp.ufsc.br/>

³ O grupo foi formado em 2013, a partir de um Projeto de Mobilidade da CAPES e contribuição do Programa de Qualificação Docente e Ensino de Língua Portuguesa da CAPES.

No período 26/01/2020 até o dia 21/02/2020, nosso pequeno grupo esteve em Timor-Leste, um pequeno país da Ásia, que faz parte do nosso Projeto “Repositório de Práticas Interculturais: proposições para Pedagogias Decoloniais” do PRINT/CAPEL. Já estávamos ouvindo aqui no Brasil sobre a chegada do Coronavírus na cidade de Wuhan na China e, para nossa surpresa, ao chegarmos no Timor, testaram nossa temperatura no aeroporto. Surpresa porque o Timor-Leste é o país mais pobre da Ásia e já estavam com essa precaução.



Figura 18 Curso Internacional de Formação de Professores na Perspectiva da Educação em Decolonial”, ministrado de 09 a 15/02/2020.

Outro contato importante foi realizado no Instituto de Formação Docente e Profissional (INFORDEPE) com o Sr. Presidente Dr. Victor Britu e assessores. Foi colocada a ausência de professores brasileiros (cooperantes) a partir da não continuidade do PQLP. Afirmam a necessidade de retomar a cooperação educacional entre Brasil e Timor-Leste, para que o nosso país contribua com o Ensino Vocacional tanto na formação de docentes timorenses, quanto na elaboração de material didático, pois ainda são todos da Indonésia, com a língua indonésia. Não há materiais ou equipamentos ou laboratórios, por exemplo, em oficinas mecânica, hotelaria, marcenaria, etc. Também aventaram a possibilidade de apoio ao Educação Básica, pois identificaram várias demandas como falta de professores na área de literatura, tecnologia, multimeios, geologia, entre outros. Solicitam 53 cooperantes brasileiros para a formação contínua de professores na elaboração de capacitação em diferentes distritos. O Infordepe gerencia aproximadamente 15 mil professores timorenses. Relatam que a principal demanda é o Ensino Vocacional (19 cursos por ex: mecânica, hotelaria, marcenaria) . Além de muito fragmentados, há poucos professores por área. Nas pausas formam-se em Díli e Baucau, mas além da falta de formação, falta material de apoio (ainda é todo da Indonésia), faltam laboratórios. Nas escolas regulares o currículo implementado ainda está aquém das necessidades. Faltam professores de literatura, tecnologias multimídias, geologia.



Figura 19 Encontro com presidência e assessoras do Instituto de Formação Docente e Profissional (INFORDEPE).

No encontro com Prof. Vicente Paulino, coordenador local do PRINT/CAPES na UNTL, também estavam presentes os profs Gaspar Varella e Irta Araújo da UNTL. Nesse encontro definimos algumas ações prioritárias e encaminhametnos, como o projeto: participação num Colóquio Internacional, a organização de um livro “Deconialidade na Educação em Timor-Leste” e a proposta do Mestrado em Educação. A proposta surgiu a partir da informação de que há 10 doutores timorenses na área e sobre a possibilidade de a UFSC ter uma parceria através dos programas de Pós-Graduação em Educação e em Educação Científica e Tecnológica. Foram aventados a possibilidade algumas linhas de pesquisa: Linguagem, Educação em Ciências e Matemática, Ensino e Aprendizagem. Nos encontros com o Exmo. Reitor Francisco Martins, o Vice Reitor de Assuntos Acadêmicos e a Decana da Faculdade de Educação Ana Cristina foram localizadas as demandas e solicitação de ambas as partes para que o mestrado ocorra. Foi encaminhado que o projeto fosse entregue em maio, utilizando os templates dos documentos oficiais para que seja aprovado pelo conselho universitário. Foi acordado que iremos buscar recursos de ambas as partes. Porém, com a pandemia o projeto está suspenso por ora.



Figura 20 Colóquio internacional “Deconialidade na Educação em Timor-Leste: Desafios e Tendências” com palestrantes sob a coordenação do Prof. Vicente Paulino.

No Colóquio internacional “Deconialidade na Educação em Timor-Leste: Desafios e Tendências” foram apresentados nossos trabalhos, além de vários estudantes e professores timorenses na temática proposta. A abertura teve a presença do Exmo. Reitor Francisco Martins. Foram trabalhados os conceitos de colonialidade e transnacionalização da educação que estão intimamente ligados, com a história recente de Timor. Eles nos falam ao mesmo tempo sobre um passado de colonização em que os europeus invadiram os territórios dos nativos da América, África e Ásia, levando consigo a perda de identidade, genocídio, racismo, roubos de saberes e recursos daqueles povos. Por outro lado, eles também nos explicam como isso ainda é atual, quando pensamos os efeitos desse colonialismo que já acabou, mas permanece de muitas formas, tais como: nas roupas que usamos, nas formas arquitetônicas dos prédios, na forma de ser, reproduzindo modelos, nos costumes, na comida, os conhecimentos científicos, nos nossos desejos de consumo e até da cor da pele branca. Tema é extremamente caro aos timorenses que ficaram independentes recentemente, em 2002.



Figura 21 Lançamento de livros na UNTL e apresentação cultural.

Como dissemos anteriormente, ministramos três cursos curtos. O primeiro foi para os professores da Escola Santo Ignácio Loyolla, para os professores daquele colégio. A temática foi sobre a “Deconialidade na Educação em Timor-Leste”. Estiveram presentes 32 professores da escola, que conta com um coletivo de mais de 600 estudantes.



Essa intervenção é um desdobramento de um edital do projeto de Mobilidade da CAPES, que iniciou em 2013. Nele, graduandos de Biologia, Física e Química vieram ao Brasil e hoje são professores nessa escola.

Figura 22 Na escola ministramos o curso “Deconialidade na Educação em Timor-Leste”, para 32 professores de todas as áreas.



Figura 23 Visita à Escola Escola Santo Ignácio de Loyolla.

O outro curso, ocorreu na véspera do nosso retorno fizemos uma visita a João Saldanha University, convidados pelo Ms Venâncio Sarmento (egresso da UFSC), seguido de uma palestra e debate com cerca de 20 participantes estudantes dessa universidade. E por fim fomos na UNTL no Campus do Infordepe, dialogar com alunos dos cursos de Matemática, Física e Química, à convite do Prof. Rosito Quintão, egresso da UFSC, sobre temáticas como colonialidade, formação de professores, entre outros temas.

Em nossas interações de fim de semana, nos reunimos com egressos da UFSC, os quais fizeram seus cursos de graduação, mestrado e doutorado há cerca de três anos. Na lista abaixo os nomes e funções que ocupam atualmente. Ficamos muito orgulhosos com esse desempenho dos nossos amigos.

n	nome	Titulação acadêmica adquirida na UFSC	Instituição que atua atualmente	Cargo ou função
1	Vitor Britu	Doutor PPGE	Infordepe	Presidente
2	Paulo Mariano	Mestrado Economia	Ministério de Ensino Superior Ciência e Tecnologia	Chefe de Departamento
3	Anselmo Xavier	Mestrado PPGECT	Ministério de Ensino Superior Ciência e Tecnologia	Chefe de Departamento de currículo
4	João dos Santos	Mestrado PPGE	Ministério de Educação	Chefe do Ensino Superior
5	Alarico Amaral	Mestrado PPGECT	Infordepe	Chefe de Depto de serviços corporativos
6	Rosito Quintão	Mestrado PPGQ	UNTL	Docente e Vice decano
7	Venâncio Sarmento	Mestrado PPGECT	João Saldanha University	Docente
8	Diogo Sávio	Mestrado PPGECT	Infordepe Gabinete de formação acadêmica	Formador de Professores
9	Longuinhos da Silva	Mestrado PPGE	Infordepe Gabinete de formação acadêmica	Formador de Professores
10	Agusta Gomes	Mestrado Filosofia	UNTL	Docente
11	Mario Menezes	Licenciado em Arquivologia CED	Arquivo da História -Museu da Resistência	Pesquisador
12	Imaculada	Mestrado PPGECT	Escola Básica	Docente

Tabela 1 - Lista de estudantes bolsistas timorenses que estudaram na UFSC e cargos que assumiram quando terminaram seus estudos.

Uma pequena reflexão
sobre Brasil e Timor.

Patricia Montanari
Giraldi

Oceanos separam duas
ilhas. Dois pedaços de
terra cercados de um
mar de gentes, dores,
sonhos e resistências.
Dizem que são como
irmãos que separados
em seu nascimento
habitam lados opostos
do globo. Dizem
também que é a língua
de Camões que os
tornou assim, tão
parecidos em suas
cotidianas batalhas.
Mas, quem diz isso não
sabe que uma língua
não pertence à
ninguém. Que assim
como as marés e tudo o
que é vivo, as línguas se
transformam e
transbordam desejos,
afetos e lutas em
"brasileiro" ou em
"português Timor".
Nas terras do Sol
nascente a linguagem
falada é a da força da
poesia. Dessas terras
germinam um punhado
de palavras-resistência.
Espero que um dia essas
palavras se juntem à
outras palavras-
sementes e brotem em
prosas e versos anúncios
de bem viver nos mares
revoltos ao sul do
mundo.

Obrigadu Barak, Ilha
Crocodilo.



Também visitamos a Embaixada do Brasil em Díli, trocando informações sobre nossa atuação no Timor, e realizando esclarecimentos sobre o projeto PRINT/CAPES, projetos da ABC, conversas sobre o PQLP. Estivemos em contato com o Sr. Embaixador do Brasil Adelmo Garcia, o Sr. Saul, o Sr. Paulo e Sr. Octávio M.G. Lopes (deputy head of mission). Esteve também presente a leitora brasileira Renata Franck Mendonça de Anunciação na Universidade Nacional Timor Lorosa'e – UNTL.

Ocorreram duas reuniões, que são desdobramentos de nossas atividades. Uma reunião foi com Prof Antero Silva sobre projetos como os da Agência Brasileira de Cooperação (ABC). O Prof. Antero prestou esclarecimentos adicionais sobre a demanda apresentada em outubro passado, a qual trata do apoio ao aprimoramento de técnicas de agricultura ecológica e à formação de educadores do campo, em comunidades do município de Ermera e de Díli. O Prof. Dr. Antero explicou que cerca de 80 a 90% dos timorenses vivem da agricultura de subsistência e, nesse sentido, enfatizou que é necessária uma educação agrícola, com preocupação ecológica e inclusiva. A outra reunião sobre projeto da ABC com o Presidente da Comissão da Função Pública (CFP), o Senhor Faustino Cardoso Gomes, e da Comissária da Função Pública, Senhora Maria Fernandes Alves, foram apresentadas algumas necessidades e demandas de formação de funcionários públicos timorenses em língua portuguesa. Ao nos apresentarmos com possível instituição a coordenar o projeto, o Presidente relatou a premência do projeto e um pedido de urgência para a vinda da equipe de prospecção. Isso também ficou em suspenso, com conta da Covid-19, pela nossa impossibilidade de retornar ao Timor-Leste, neste momento.

Numa solicitação do Sr. Ex Embaixador do Brasil Domingos de Souza, junto com a Ex vice-ministra da Educação Lourdes Bessa, Aisha Basserewan (Assessora para Administração em finanças) dialogamos sobre um projeto muito interessante, no qual pretendem construir um Instituto de Formação de Professores em Aileu. A ideia é reforçar tanto a língua portuguesa, como também formar um professor que se adeque às necessidades timorenses com competência. Ficamos à disposição.

Visualizamos algumas saídas para possíveis estreitamentos das relações entre nossos países. É nítida o vácuo deixado pelo PQLP ao ser finalizado em 2016, sem um retorno do Brasil sobre essa decisão. Ouvimos diversas vezes que a ida de brasileiros ao Timor-Leste, para atuar como cooperantes, é muito mais efetiva do que o envio de estudantes para fora do país. para que os estudantes timorenses possam fazer seus estudos no Brasil. Por outro lado, percebemos um avanço da cooperação de Portugal e Austrália ao receber estudantes para a graduação e pós-graduação com bolsas. Seria interessante promover essa possibilidade no Brasil, mesmo que com bolsas do Fundo Nacional do Petróleo. A UFSC tem interesse em receber estudantes timorenses por conta de todas essas articulações de tantos anos, mas infelizmente não temos observado a presença deles em nossa universidade. Portanto, as atividades dessa missão do PRINT/CAPES foram muito bem sucedidas e atingiram os objetivos plenamente. Agradecemos a todo acolhimento do povo timorense em especial do Prof. Gaspar Varela e Prof. Vicente Paulino, sub coordenadores do projeto em Timor-Leste.

